Revista de Estudos da Religião junho / 2009 / pp. 153-156
ISSN 1677-1222

SINGLETON, M.; BYRNE, J.
Yoga in the Modern World, Contemporary Perspectives.
London: Routlege, 2008, 224 p., ISBN-13: 9780415452588

por Pamela Siegel [pam@mpcnet.com.br]

e Nelson Filice de Barros [nelfel@uol.com.br]*

Esta coletânea de artigos é a primeira a enfocar o Yoga num mundo transnacional. Traz interessantes estudos acadêmicos sobre a teoria e a prática do Yoga, em tempos modernos, pós-modernos e o seu uso como performance coletiva. Após contextualizar o Hatha-Yoga, como fenômeno medieval e prática sincrética, são analisadas as relações entre as técnicas corporais e os contextos de sua prática, que proporcionam um *empoderamento* individual e social ao praticante, além dos conceitos de numinosidade e libertação das aflições.

O livro foi organizado por Mark Singleton e Jean Byrne e tem 224 páginas divididas em três partes: *Mapping the Terrain of Modern Yoga Studies*, contém os capítulos de 1 a 3; *Posturing for Authenticity*, capítulos 4 e 5; e *Spirituality, Sexuality, and Authenticity: Understanding the Experience of Contemporary Yoga Practice*, capítulos de 6 a 9.

No capítulo primeiro, *Modern Yoga: History and Forms*, a autora Elizabeth de Michelis explica que o Yoga Moderno nasceu de uma relação simbiótica entre o nacionalismo hindu, o ocultismo ocidental, a filosofia neovedanta e de sistemas da moderna cultura física. Desde o sincretismo, a autora identificou cinco tipos de Yoga, quais sejam: 1) o Yoga moderno psicossomático de Vivekananda, derivado o seu *Raja-Yog*, de 1896; 2) o estilo neo-hinduísta do Yoga Moderno, que recebeu influências das artes marciais e da ginástica, tanto ocidentais quanto orientais; 3) o Yoga Postural que, como diz o nome, coloca ênfase na prática postural e começou a se desenvolver a partir de 1920; 4) O Yoga Meditativo, também iniciado a partir de 1920 e ensinado por escolas mais reservadas e lideradas por figuras carismáticas, que acabavam desenvolvendo formas idiossincráticas de fé; 5) Formas Denominacionais de Yoga de grupos que promovem suas próprias linhas de Yoga

* Laboratório de Pesquisa Qualitativa em Saúde (LPQS), Depto. de Medicina Preventiva e Social/ FCM/Unicamp.

(geralmente meditativa), mas com vistas a promover e divulgar suas formas de crença e visões de mundo.

No capítulo segundo, *Yoga Shivir: Performativity and the Study of Modern Yoga*, o antropólogo Joseph Alter rastreia o início das práticas coletivas de Yoga ou os *Yoga camps* (*shivir*, em sânscrito) que datam do início do século XX. *Shivir* se refere a aulas abertas e coletivas de Yoga, que podem durar vários dias e visam à promoção do Yoga, sendo uma representação deste, e servindo apenas para espelhar a verdade yóguica, um reflexo da esperança de que o Yoga possa levar a uma saúde melhor, menos estresse e um bem-estar generalizado.

Adapt, Adjust, Accommodate: The Production of Yoga in a Transnational World, no capítulo terceiro, é uma análise de Sarah Strauss sobre a *Divine Life Society* (DLS), fundada pelo médico treinado na ciência ocidental e líder religioso Swami Shivananda. O objetivo da DLS era "*restaurar a paz à personalidade necessitada, conflituosa e psicologicamente traumatizada, do homem moderno"*.

No capítulo quarto, *The Classical Reveries of Modern Yoga: Patanjali and Constructive Orientalism*, Mark Singleton analisa a forma em que os *Yoga Sutras* (YS) de Patanjali, evocados como texto de referência para o Yoga Clássico, foram reinterpretados no Yoga Moderno. O autor argumenta que não há evidências, como querem assumir os praticantes ocidentais, de que os YS sempre tenham sido a autoridade na prática do Yoga e que o Yoga Clássico chegou a constituir, de fato, uma linhagem própria.

Kenneth Liberman, no capítulo quinto, *The Reflexivity of the Authenticity of Hatha Yoga*, desconstrói a ideia de que houve um Yoga puro e original com uma linhagem de adeptos, que se estendeu até a era moderna. Para ele, o Hatha Yoga é um fenômeno desenvolvido nos séculos X ou XII com práticas de posturas, não para meditação ou para a obtenção de uma saúde melhor, mas para desenvolver os *siddhis* (poderes). Aquilo que os hindus defendem hoje como Yoga é uma prática espiritual que absorveu algumas ideias ocidentais derivadas do Islã, do Cristianismo colonial, da ciência moderna e, também, de noções da chamada *New Age*.

No sexto capítulo, *Empowerment and Using the Body in Modern Postural Yoga*, Klas Nervin examina, de forma brilhante, a maneira como o corpo é usado e vivenciado no Yoga Postural Moderno e como a prática intensifica a experiência de própriocepção, em geral, e da cinestesia, em particular. Aprofunda esse último aspecto mostrando como ocorre a agudização da experiência sensória e como o uso de velas, símbolos, suaves cânticos em sânscrito, etc. evocam sentimentos e emoções, induzindo um senso de solenidade que encoraja a conduta a ser compreendida como yóguica. Conclui o autor que o Yoga é uma prática que proporciona um *empoderamento* existencial e social ao indivíduo, embora enfatize demasiadamente a experiência sensorial, em detrimento das estruturas de poder e condições de vida.

No sétimo capítulo, *With Heat Even Iron Will Bend: Discipline and Authority in Ashtanga Yoga*, Benjamin Richard Smith analisa a prática de *tapas* (do sânscrito *tap*, emanar calor, aquecer, estar quente), o *esforço aquecedor* no Ashtanga Yoga, e o seu significado principal: o calor sagrado ou mágico que o esforço ascético produz, o qual teria uma forma e localização, na junção dos *sira*, delgados tubos nervosos que canalizam as mensagens da mente até a *caixa de mensagens*, ou o centro cardíaco.

Stuart Ray Sarbacker, no oitavo capítulo, intitulado *The Numinous and Cessative in Modern Yoga*, sugere que a prática de *tapas* e Yoga levariam à conquista do poder numinoso e à cessação da ignorância e do desapego, pois tais técnicas compõem um método de controle das capacidades físicas e mentais, com o fim de alcançar um estado espiritual exaltado. Para o autor, numa visão fenomenológica, o Yoga seria uma prática de eliminação de aflições, sejam elas de natureza mundana ou metafísica, e, numa perspectiva sociológica, seria um processo de exorcismo xamânico.

No nono e último capítulo, Mikel Burley, trata de Yoga e sexualidade em *From Fusion to Confusion: a consideration of Sex and Sexuality in Traditional and Contemporary Yoga*, destacando que no Yoga contemporâneo há atitudes confusas e que confundem, pois são: permeadas de idealizações sobre castidade e ascetismo, travestidas de uma terminologia neopuritana, erotizantes do corpo e relacionadas ao poder de estimular o desempenho sexual.

O livro é muito importante tanto para temas do campo da Saúde quanto da Religião porque oferece um olhar crítico do Yoga que, a princípio, pode desencantar analistas românticos. Fica claro após a leitura que, apesar do inegável bem-estar que a prática do Yoga proporciona ao praticante, tem se tornado um regime de *fitness*, uma espécie de filosofia incorporada, que exibe certo grau de ansiedade e ambivalência sobre a unidade inerente da mente, do corpo e do espírito.

Concernente à história do Yoga, algumas passagens de diferentes capítulos deixam ver o seu peso na globalização da cultura hindu. Assim, o papel que exerceu a *Divine Life Society* (DLS), de Swami Shivananda, na época do pós-guerra, com a mensagem de unidade universal e fraternidade repercutiu tanto na Índia como em todo o ocidente. Esse projeto de internacionalização da cultura hindu, também se deu pela pena de: Max Weber, cuja sociologia da religião possibilitou a relação desta com os campos sociais da economia e da ética; Mircea Eliade, historiador das religiões e o primeiro ocidental a defender uma tese acadêmica sobre Yoga com o título de *Yoga, Imortalidade e Liberdade*; e vários mestres de Yoga, como Sri Yogendra e Swami Kuvalayananda, que fundaram institutos de Yoga para promover a causa nacionalista com a perspectiva de *corpos fortes para uma nação hindu forte*.

Possivelmente, esse é o livro recente sobre Yoga mais importante da atualidade, dada a relevância de cada um dos autores para o tema, dos quais muitos já contam décadas de trabalho, acumulam larga experiência de pesquisa, possuem outras obras publicadas e ocupam postos de ensino em importantes universidades norteamericanas, australianas, inglesas e suecas. Por isso, arriscamos afirmar, por um lado, que dificilmente essa obra será traduzida para o português, dado o limitado interesse nesse tema de pesquisa no universo lusofônico; e, por outro, que o livro é fundamental tanto para o pesquisador iniciante como para o experiente, pois permite compreender a prática do Yoga no passado e no presente, no oriente e no ocidente, no âmbito individual e coletivo.